

## Cartas de amigo: historicidade e tradição nas correspondências de Joaquim Nabuco (1872-1909)

Stênio Bouças Alves Filho<sup>1</sup>

Valéria Severina Gomes<sup>2</sup>

### RESUMO

Os textos, assim como as línguas, estão sujeitos às variações e mudanças no decorrer do tempo. Para a realização deste artigo, vislumbramos analisar os traços de permanência em um dos subgêneros da carta pessoal, a carta de amigo. Investigamos a historicidade do texto e as tradições em 18 cartas de amigo: 13 cartas do século XIX e 5 cartas do século XX, escritas pelo pernambucano Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo. O aporte teórico adotado conta com o modelo da Tradição Discursiva, a partir dos estudos desenvolvidos por Coseriu (1980; 2007), Koch (1997), Kabatek (2004; 2006; 2012; 2015) e Longhin (2014). Em síntese, identificamos que, a partir da interação social à distância realizada por intermédio da carta de amigo, o missivista Joaquim Nabuco faz uso da composição temática, da organização estrutural e de construções linguísticas que foram socialmente convencionadas e aceitas na composição do subgênero carta de amigo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carta de amigo. Joaquim Nabuco. Tradição Discursiva.

## Friend letters: historicity and tradition in Joaquim Nabuco's correspondences (1872-1909)

### ABSTRACT

The texts, like languages, are subject to variation and change over the time. For this article, we intended to analyze the permanence traces in one of the subgenres of the personal letter, the friend letter. We investigated the historicity of the text and the traditions in 18 letters of friend: 13 letters of the 19th century and 5 letters of the 20th century, written by Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FACEPE) e pesquisador do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LEDOC). E-mail: [stenioboucas@yahoo.com](mailto:stenioboucas@yahoo.com)

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), pesquisadora do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB) e do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LEDOC). E-mail: [lelavsg@gmail.com](mailto:lelavsg@gmail.com)

Araújo, from Pernambuco. The adopted theoretical approach relies on the Discursive Tradition model, based on the studies developed by Coseriu (1980; 2007), Koch (1997), Kabatek (2004; 2006; 2012; 2015) and Longhin (2014). In summary, we identified that, from the distance social interaction through the letter of friend, the letter writer Joaquim Nabuco makes use of the thematic composition, structural organization and linguistic constructions that were socially agreed and accepted in the composition of the subgenre friend letter.

**KEY WORDS:** Friend Letter. Joaquim Nabuco. Discursive Tradition.

## 1. Introdução

Meu caro amigo, me perdoe, por favor/Se eu não lhe faço uma visita/Mas como agora apareceu um portador/Mando notícias (Chico Buarque de Holanda, 1976).

A carta pessoal é um gênero que foi historicamente produzido, como é sabido, para enviar notícias sobre a vida cotidiana e tratar de assuntos particulares, seja entre os familiares (carta de família), entre os casais (carta de amor) ou entre os amigos (carta de amigo). Para a realização deste artigo, selecionamos cartas pessoais escritas na passagem do século XIX para o século XX pelo pernambucano Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo. As cartas pertencem ao subgênero carta de amigo e retratam situações comunicativas/interativas reais entre interlocutores com perfis sociais semelhantes, representantes da camada culta da sociedade da época.

O presente estudo dá continuidade a pesquisas anteriores que se dedicaram à análise do gênero carta pessoal, como Silva (2002), que observou as marcas de interação através da escrita por carta; Melo e Gomes (2018), que identificaram, seguindo a proposta de Longhin (2014), a tradicionalidade temática, composicional e os modos de dizer nas cartas de amor, cartas de família e cartas de amigo; Silva (2018), que investigou os traços de semelhança e de distinção entre os subgêneros da carta pessoal; e Andrade e Gomes (2018), que levantaram reflexões conceituais a respeito das Tradições Discursivas.

Neste artigo, com base no modelo teórico-metodológico da Tradição Discursiva (TD), investigamos da história social à historicidade do texto, tendo

como documentos as cartas pessoais de Joaquim Nabuco. Ou seja, por intermédio da TD, identificamos os traços de recorrência característicos das cartas de amigo, que conferem a estes textos a categoria de subgênero da carta pessoal. Para dar cabo dessa discussão partimos da seguinte questão norteadora: quais elementos constitutivos de tradicionalidade da carta foram identificados nas correspondências pessoais que Joaquim Nabuco escreveu para seus amigos?

O *corpus* analisado é constituído por um total de 18 cartas: 13 cartas do século XIX e 5 cartas do século XX, com um total de 5.289 palavras, como detalhado no quadro 1. Esse conjunto de manuscritos foi coletado na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), por meio de fotografia, e transcritos conforme as normas de edição semidiplomática do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB).

**Quadro 1 – *Corpus* da pesquisa**

<b>Século XIX (1872-1896)</b>	
Carta JN 1, 1872 – 236 palavras	Carta JN 2, 1875 – 306 palavras
Carta JN 3, 1876 – 171 palavras	Carta JN 4, 1881 – 624 palavras
Carta JN 5, 1881 – 449 palavras	Carta JN 6, 1882 – 407 palavras
Carta JN 7, 1882 – 195 palavras	Carta JN 8, 1888 – 832 palavras
Carta JN 9, 1890 – 398 palavras	Carta JN 10, 1892 – 201 palavras
Carta JN 11, 1893 – 224 palavras	Carta JN 12, 1894 – 402 palavras
Carta JN 13, 1896 – 219 palavras	-----
Total de palavras no século XIX: 4.664 palavras	
<b>Século XX (1903-1909)</b>	
Carta JN 14, 1903 – 115 palavras	Carta JN 15, 1904 – 97 palavras
Carta JN 16, 1904 – 81 palavras	Carta JN 17, 1905 – 84 palavras
Carta JN 18, 1909 – 248 palavras	-----
Total de palavras no século XX: 625 palavras	
<b>Total de palavras referentes aos dois séculos: 5.289 palavras</b>	

Fonte: Quadro produzido pelos autores

Para a discussão dos dados, dividimos este artigo em seis tópicos, contando com esta introdução. No item seguinte, traçamos a história social, o perfil do remetente e, quando possível, de seus interlocutores. No terceiro tópico, apresentamos o conceito de Tradição Discursiva, tomando como ponto de partida a dupla historicidade: da língua histórica e das tradições discursivas. Logo após, discutimos acerca do propósito comunicativo e da temática nas

cartas enviadas por Joaquim Nabuco aos amigos. No quinto momento, analisamos os elementos constitutivos recorrentes nas cartas de amigo. Por fim, apresentamos as considerações finais acerca destes itens delimitados.

## 2. O perfil de um escrevente ilustre

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo foi fundador da cadeira nº 27 da Academia Brasileira de Letras. Bacharel em Letras e em Ciências Jurídicas e Sociais, exerceu a profissão de escritor e foi diplomata. Nabuco, filho do Senador José Tomás Nabuco de Araújo e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo – que era irmã do marquês do Recife, o Francisco Paes Barreto –, nasceu em Recife no dia 19 de agosto de 1849. Da mesma forma que seu pai, seguiu a carreira política, foi deputado e defendeu a causa Abolicionista. Em 1883, em Londres, publicou o livro *O Abolicionismo*, que trata de temas como o crescimento social do Brasil e questões raciais pertinentes à época. Após 1889, Joaquim Nabuco dedicou-se à advocacia e ao jornalismo, em 1897-1899, publica *Um Estadista do Império*, um livro biográfico que abrange a história política do Brasil e, em 1900, lança o livro *Minha Formação*, que, como o próprio título revela, traz as memórias e a formação do missivista.

Joaquim Nabuco morreu nos Estados Unidos, em 17 de janeiro de 1910. A amostra de cartas de amigo utilizada neste artigo compreende o período de 1867 até 1909, portanto, dos 18 aos 60 anos de Nabuco. Temos, então, cartas que perpassam a juventude e as fases adulta e idosa do ilustre pernambucano. Esse recorte também compreende a passagem do século XIX ao XX e todas as implicações sócio-históricas, culturais e linguísticas desse contexto. Neste caso, trata-se de um remetente com alto nível de escolaridade e representante da camada culta da sociedade. Essas informações extralinguísticas são fundamentais para ajudar a entender os modos de dizer e de produção das correspondências que eram destinadas a:

- **Adolpho (1 carta: JN 7, 1882):** Não foram encontradas informações sobre o perfil social de Adolpho.

- **Alberto (1 carta: JN 5, 1881):** Não foram encontradas informações sobre o perfil social de Alberto.
- **Barão (5 cartas: JN 1, 1872; JN 4, 1881; JN 9, 1890; JN 10, 1892; JN 12, 1894):** Francisco Inácio de Carvalho Moreira nasceu no dia 25 de dezembro de 1815, na vila de Penedo, hoje pertencente ao estado de Alagoas, anteriormente pertencente à Capitania de Pernambuco. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi deputado pelo estado de Alagoas e, em seguida, nomeado diplomata. Francisco Inácio de Carvalho Moreira recebeu diversos títulos e honrarias, dentre eles, o de Barão de Penedo, por meio do decreto de 29 de julho de 1864.
- **Barros Pimentel (3 cartas: JN 6, 1882; JN 11, 1893; JN 13, 1896):** Sancho de Barros Pimentel nasceu no dia 16 de outubro de 1849 em Salvador e faleceu no dia 24 de fevereiro de 1924 no Rio de Janeiro. Foi presidente da Província do Piauí e um grande aliado político de Joaquim Nabuco em Pernambuco.
- **Galvão (1 carta: JN 14, 1903):** Não foram encontradas informações sobre o perfil social de Dário Galvão, apenas que era escritor e lançou o livro *Echos e sombras: poesias*.
- **José Mariano (1 carta: JN 8, 1888):** José Mariano Carneiro de Cunha nasceu no dia 08 de agosto de 1850 no Engenho Caxangá, no município de Gameleira, estado de Pernambuco, e faleceu no dia 8 de junho de 1912. Formou-se Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife. Foi prefeito do Recife, participante do Movimento Abolicionista de Pernambuco e fundador do jornal *A Província*.
- **Lima (1 carta: JN 18, 1909):** Manuel de Oliveira Lima nasceu no dia 25 de dezembro de 1867 em Recife e faleceu no dia 24 de março de 1928. Formou-se em Letras pela Faculdade de Letras de Lisboa e estudou Humanidades no Colégio Lazarista. Foi um diplomata, escritor, historiador, crítico literário, membro e fundador da Academia Brasileira de Letras e do jornal *Correio do Brazil*, em Lisboa. Publicou diversas obras que abarcavam um viés histórico,

como: *Pernambuco: seu desenvolvimento histórico* (1895), *Dom João VI no Brasil* (1908), *La Langue portugaise, La Littérature brésilienne* (1909), entre outras.

- **Lucinda (1 carta: JN 16, 1904):** Não foram encontradas informações sobre o perfil social de Lucinda.

- **Paranhos (1 carta; JN 15, 1904):** José Maria da Silva Paranhos, também conhecido como Visconde do Rio Branco, nasceu na cidade de Salvador, no dia 16 de março de 1819, e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 01 de novembro de 1880. Estudou na Academia de Marinha e na Academia Militar. Foi deputado provincial do Rio de Janeiro, diplomata e escreveu para jornais, como: *O Novo Tempo*, *Jornal do Commercio* e o *Correio Mercantil*.

- **Salvador (2 cartas: JN 2, 1875 e JN 3, 1876):** Não foram encontradas informações sobre o perfil social de Salvador.

- **Velloso (1 carta: JN 17, 1905):** Não foram encontradas informações sobre o perfil social de Velloso.

O conhecimento do perfil de Joaquim Nabuco, assim como o dos seus destinatários é importante, pois, desta forma, conseguimos compreender para quem o missivista escrevia e os modos de dizer empregados nesses atos comunicativos por meio cartas. Apesar de, até a finalização deste artigo, não termos encontrado informações sobre o perfil de todos os destinatários, identificamos, nos perfis que conseguimos traçar, que Nabuco escrevia para pessoas ilustres, com um grau elevado de escolaridade e de letramento e que pertenciam às esferas jurídica, política, acadêmica etc., que faziam parte do seu círculo de amizades.

### 3. Por uma historicidade não só da língua, mas também do texto

A discussão sobre historicidade e tradição discursiva deve-se, inicialmente, aos estudos desenvolvidos por Eugenio Coseriu, que apresentou uma nova concepção de linguagem, dividindo-a em três níveis autônomos:

- o universal: o falar como atividade humana em geral;
- o histórico: as línguas (ex.: português/espanhol/francês);
- o individual: o texto (ato linguístico).

Para Coseriu (1980; 2007), o primeiro nível, o universal, está relacionado ao falar como uma atividade humana em geral; o segundo nível, o histórico, diz respeito à língua como uma organização histórica que envolve a estrutura gramatical, o léxico e o seu funcionamento; o terceiro nível, o individual, refere-se ao texto (ou discurso) como uma forma concreta e única, um ato linguístico. Por meio dessa concepção, Coseriu (1980; 2007) propõe uma independência entre os três níveis da linguagem, assim como realça uma tradição particular dos textos, explorada mais adiante por Schlieben-Lange (1993), que “defendeu a distinção entre uma história dos textos e uma história das línguas” (LONGHIN, 2014, p. 16). A partir dessas discussões, Peter Koch (1997) propõe uma duplicação no nível histórico, como podemos observar no esquema 1:

**Esquema 1 – Os três níveis da linguagem por Koch**

nível universal	falar
nível histórico	{ línguas tradição discursiva
nível individual	discurso/texto

**Fonte:** Adaptado de Koch (1997, p. 1)

Com essa duplicação, o nível histórico comporta as línguas históricas (gramática e léxico) e as formas textuais recorrentes (as TD). E é a partir dessa duplicação do nível histórico que Koch (1997) expõe o conceito de Tradição Discursiva, o que significa que a TD está apoiada na concepção de historicidade (KABATEK, 2015).

Para Kabatek (2004; 2012), mesmo em se tratando de historicidades distintas, a da língua e a da tradição discursiva, elas são complementares. Para isso, o autor recorre à noção de historicidade abordada na teoria coseriana acerca dos atos de fala, em 1979, em um contexto ainda anterior à TD, e distingue três tipos de historicidade:

- historicidade da língua dada (linguística *strictu senso*, apropriação do signo linguístico).
- historicidade como tradição cultural (inclui, portanto, a tradição discursiva, recorrência de determinados textos ou de determinadas formações textuais).
- historicidade genérica no sentido de uma “pertença à história” (KABATEK, 2004, p. 161-162).

A primeira historicidade “na realidade é só geneticamente histórica e que consiste na adoção de uma técnica adotada pelo falante como técnica, permitindo-lhe depois a produção livre de enunciados” (KABATEK, 2012, p. 580). O segundo conceito de historicidade está atrelado a “fatos culturais anteriores, evocados em fatos novos por conta de semelhança funcional ou formal ou por parcial harmonia. Trata-se aqui daqueles objetos culturais disponíveis em uma comunidade para a repetição” (KABATEK, 2004, p. 162). Ainda sobre o segundo conceito, o autor levanta a teoria de uma *escala contínua* do texto. Ou seja, determinados textos possuem formas estruturais ou linguísticas menos marcadas, ao passo que outros textos têm uma maior fixação de algum desses elementos. Para Corseriu (2007), essa fixação deve-se pelo fato de os textos também possuírem tradições particulares. Dessa forma, a tradição pode ser do texto como um todo, de alguma parte específica do texto ou, ainda, do conteúdo linguístico recorrente na natureza constitutiva do texto, evocada em função da prática comunicativa. Por fim, quanto ao terceiro conceito de historicidade, Kabatek (2004) afirma que todo texto está situado em um determinado tempo e espaço e, por isso, torna-se histórico.

Nesse sentido, o conceito de TD pode auxiliar em diversas pesquisas relacionadas à língua e ao texto, evidenciando, assim, a sua contribuição para análises do ponto de vista sócio-histórico. Após a reflexão sobre a historicidade da língua, do texto e sobre conceito de TD, partimos agora para os propósitos comunicativos e a tradicionalidade temática mais frequentes nas cartas remetidas pelo missivista Joaquim Nabuco.

#### 4. Carta de amigo: propósitos comunicativos e tradicionalidade temática

E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz (FOUCAULT 1992, p. 150 *apud* SILVA, 2002, p. 111).

A carta pessoal, conforme retrata a epígrafe, é um meio de interação que se configura como uma conversa escrita, uma forma de imaginar a presença do outro ao lado, sensação que se fortalece por meio dos laços de proximidade e de afetividade entre o remetente e o destinatário. Cabe ao missivista reconhecer, em princípio, a finalidade comunicativa dessa tradição discursiva, pois se trata do que Koch (2015) ressalta como a *competência textual* do sujeito, que inclui a adequação do repertório linguístico utilizado.

Bakhtin (1992, p. 179 *apud* KOCH, 2015, p. 63) afirma que:

todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana (...). O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional.

Ao produzir um texto, oral ou escrito, o sujeito faz uso de formas que foram cristalizadas e são evocadas, total ou parcialmente, em um processo contínuo entre tradição e atualização. Por exemplo, as cartas escritas por Joaquim Nabuco, situadas na esfera cotidiana, abordam temáticas relativamente recorrentes: estreitamento dos contatos com seu círculo de amizades, conforme o exemplo (1); troca de cartas sobre a criação literária, fazendo jus ao seu perfil literato, exemplo (2); bem como discussões acerca de visões político-ideológicas, como no exemplo (3):

- (1) Meu caro Paranhos, || Quero ter o prazer de apresentar-lhe| <o meu>2 amigo[[3 dezembargador| Domingos Alves Ribeiro (carta JN 15, 1904)
- (2) Acabo de ler ~~os versos de seu~~[[ilegível] <↑filho> poema “A morte da Aguiá” | e venho felicital-o pela <↑belleza> grandeza | do mytho que o Sr. creou (carta JN 14, 1903)

- (3) Dei- xe os partidarios desgostarem- se de mim: estou fazendo a única politica verdadeiramente demo- cratica que possa existir no paiz. Os partidos esmagam o povo. Am- bos elles são exploradores e mal começa o republicano já está ado- rando o bezerro de oiro. Eu op- ponho-me aos Bancos porque quero a pequena propriedade, a dignidade do lavrador, do morador, do liberto – a for- mação do povo que está ainda abaixo do nivel dos partidos (carta JN 08, 1888)

O conteúdo temático no exemplo (4) diz respeito à rota de viagem realizada por Joaquim Nabuco, além do informe sobre o horário de sua chegada em *Baltimore* e a solicitação de cancelamento do envio de cartas para *New York*:

- (4) Amanhã devo chegar ahí ás 9.10 na estação da Baltimore and Ohio R.R. Queria avisar o Mengoli e fazer guardar-me no hotel o mesmo aposento que tive. Faça me o favor de suspender a remessa de correspondencia para New York e de fazer retirar esses registados do Correio de modo que eu já os encontre no hotel. (carta JN 17, 1905).

Os conteúdos temáticos abordados nas missivas, apesar de variados, mantêm uma certa recorrência. Joaquim Nabuco, na interação com os seus pares por meio das cartas, marca encontros com seus amigos, discute literatura, faz articulações políticas e compartilha questões relacionadas a viagens. Esses temas recorrentes são evocados devido a situações comunicativas que envolvem sujeitos numa relação de amizade, que compartilham conhecimentos, vivências e que circulam nas mesmas esferas culturais e sociais.

Dessa forma, a temática é uma das dimensões que compõem não só a carta pessoal, mas todos os gêneros discursivos, pois funcionam como “correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2016, p. 20). Observamos que os propósitos comunicativos das cartas de amigo referem-se às relações de companheirismo e de apreço entre os interlocutores. Assim, ao aplicarmos o conceito de TD, é possível reconhecer os propósitos comunicativos e a tradicionalidade temática dessas cartas de amigo, ao mesmo tempo em que elas revelam o contexto sócio-histórico e político em que foram produzidas. No próximo tópico, discutiremos mais duas dimensões de tradicionalidade: as unidades estruturais

e os modos tradicionais de dizer nas correspondências escritas por Joaquim Nabuco.

## 5. Traços constitutivos tradicionais da carta de amigo

O conceito de Tradição Discursiva compreende diferentes dimensões de tradicionalidade. Neste tópico, discutimos a estrutura da carta de amigo e os modos de dizer característicos desse subgênero.

### 5.1 Tradicionalidade nas unidades de estruturação da carta de amigo

Assim como os demais gêneros, os elementos contidos na carta de amigo consistem em uma “complexa relação interativa entre a linguagem, a cultura e os sujeitos históricos” (MARCUSCHI, 2008, p. 93), pois, o entendimento e a construção do sentido dependem da cooperação entres sujeitos inseridos e participantes das atividades históricas, sociais e culturais de uma comunidade. Portanto, ao analisarmos a estrutura das cartas escritas por Nabuco, observamos que sua composição organizacional carrega marcas tradicionais herdadas da retórica clássica: a *saudação (salutatio)*, marcada pelo emprego de uma forma socialmente consistente que pode indicar uma relação entre iguais ou não; a *captação de benevolência (captatio benevolentiae)*, como espaço associado à forma de cativar o destinatário; o *corpo da carta (narratio)*, unidade relacionada à parte mais importante da correspondência, justamente por apresentar o assunto principal da missiva; e, por fim, a *conclusão* do texto (*conclusio*), constituída pela presença do fechamento e da assinatura do remetente (COSTA, 2012).

Disponibilizadas no quadro 2 (carta de Nabuco enviada para Barros Pimentel) encontram-se as unidades tradicionais que compõem as cartas de amigo escritas por Joaquim Nabuco nos séculos XIX e XX. A estrutura é formada por: *local* e a *data* em que a carta foi escrita; a *saudação*, como uma forma de cumprimentar o interlocutor e que conta muitas vezes apenas com a presença do *vocativo*; a *captação de benevolência*, unidade não tão fixa da carta, mas que funciona como um primeiro contato entre os interlocutores; o

*corpo da carta*, parte onde estão localizados os assuntos tratados entre os missivistas; a *seção de despedida*, que, como a nomenclatura já diz, é o desfecho da interação; e, por fim, a *assinatura* de Joaquim Nabuco.

**Quadro 2 – unidades estruturais da carta de amigo escritas por Joaquim Nabuco**

Paris, 3 de Abril	<i>Local e data</i>	<b>Abertura</b>
Meu caro Barão,	<i>Saudação</i>	
Muito agradecido por sua  bôa carta bem como pelos  sentimentos da Baroneza e tele-  gramma do nosso Arthur.	<i>Captação de benevolência</i>	<b>Núcleo</b>
O  endereço de minha Mãe no  Rio de Janeiro é 48 rua  da Princeza Imperial (Nova  Cintra.) Parto hoje para  Londres onde ficarei [fol. 2r] toda esta semana voltando  na outra para Pariz. Do Brazil não nos consta nada,  senão a que está nos jornaes  boatos de pânico e repressões.  O Barbosa Consul foi de-  mittido como foi nomeado por  telegramma, bem como o Cara-  pebús de Erieste. O Vieira  da Silva que teve o mesmo [fol. 3r] choque dizem me que parou  o golpe com a intercessão do  Figueredo. A republica, como  já lhe escrevi é um duello entre  Figueiredo e Mayrinck, e hoje  quem está de cima é a-  quelle. Por isso é hum onipotente  e do [desjedello], que está  interinamente na Fazenda  por causa da febre amarela [fol. 4r]   Do Roíz Alves parece que  elle dispõe com toda a  confiança. Nada mais ou-  vi e provavelmente nada  mais há porque Pariz é  um phonographo bem  aperfeiçoado de todos os  boatos e dos menores  rumores de toda parte.	<i>Corpo da carta</i>	
Nossos respeitos a Sr <sup>a</sup> Baroneza. Do seu todo	<i>Despedida</i>	<b>Fechamento</b>
J. Nabuco	<i>Assinatura</i>	

**Fonte:** Quadro produzido pelos autores; carta JN 10, 1892.

Com base no *corpus* analisado, percebemos que as cartas de amigo escritas por Joaquim Nabuco possuem poucas variações no que tange às unidades estruturais deste subgênero, com também das cartas pessoais de um modo geral. A análise dessa dimensão evidencia que os traços característicos da carta de amigo estão apoiados em parâmetros pragmáticos, uma vez que as unidades de estruturação que compõem as cartas carregam uma finalidade comunicativa própria da função social e cultural da interação à distância, definidas também em função do interlocutor pretendido.

## 5.2 Tradicionalidade nos modos de dizer da carta de amigo

Na interação entre Joaquim Nabuco e seus amigos, o repertório linguístico empregado e alguns modos de dizer configuram-se como TD. Para efeito de ilustração, destacamos, nesta amostra, alguns modos de dizer

tradicionais evocados e o propósito que exercem nessa comunicação por meio de cartas.

A primeira repetição caracterizada como TD encontra-se na *saudação*. Nessa parte da carta, Joaquim Nabuco faz o uso, com frequência, do *vocativo* “*meu caro\_\_\_*”, com o intuito de demonstrar proximidade e apreço pelo destinatário, uma vez que o termo *caro* “equivale a querido ou prezado” (SILVA, 2018, p. 75). Uma construção recorrente é o emprego do possessivo de 1ª pessoa do singular, *meu*, seguido da marca de cortesia “*caro*”, acompanhados do sobrenome ou título social do destinatário. É curioso observar que Joaquim Nabuco referia-se aos amigos do sexo masculino predominantemente pelo sobrenome, o que pode corresponder ao modo de tratamento da época, revelando um certo tom de respeito ou até de status social, mesmo nas relações de mais proximidade. Vejamos alguns exemplos:

- (5) **Meu Caro Barão** (carta JN 1, 1872)
- (6) **Meu caro Salvador** (carta JN 3, 1876)
- (7) **Meu caro Dr. Velloso** (carta JN 17, 1905)

Nos exemplos acima, a TD “*meu caro\_\_\_*”, que funciona como um vocativo para introduzir a *saudação*, por se referir diretamente ao destinatário e por situar as relações sociais de cada época, configura-se como um ato de polidez. O emprego da forma de tratamento *Barão* e do título *Doutor (Dr.)* evidencia que “na tradição epistolar, sempre houve a preocupação em conceder respeito aos papéis sociais do emissor e do receptor na seção de contato inicial” (SILVA, 2018, p. 79). Os modos tradicionais utilizados para fazer referência aos destinatários na *abertura* da carta dizem muito acerca do tipo de relação estabelecida entre os interlocutores, se é simétrica ou assimétrica, se é de proximidade ou de distância, se é informal ou formal.

Já no exemplo (8), o *vocativo*, que introduz a *saudação*, revela um tom respeitoso por meio do emprego da forma de tratamento *Dona*, seguida do prenome *Lucinda*. Essa utilização do prenome, e não do sobrenome, como

ocorreu com os amigos do sexo masculino, suscita uma reflexão acerca dos modos tradicionais de fazer menção aos amigos e às amigas. Esse modo de tratamento reporta a uma época em que os homens eram reconhecidos pelos papéis sociais que desempenhavam, enquanto as mulheres, em grande parte, eram reconhecidas pela função de donas de casa.

(8) A **Dona Lucinda** (carta JN 16, 1904)

Infelizmente não foi possível identificar o perfil social de Lucinda para obtermos mais informações extralinguísticas que pudessem respaldar a discussão acerca dessa opção de tratamento no tocante à prática de escrever cartas para amigos e amigas, no final do século XIX e início do XX. Nesta amostra de 18 cartas, apenas uma carta foi destinada a uma amiga e as demais foram destinadas a amigos.

Outro elemento que compõe a unidade estrutural da carta pessoal é a *captação de benevolência*. Essa unidade constitutiva da missiva tem como propósito capturar “a boa vontade do destinatário com o teor da carta e garantir que o contato seja mantido com eficácia em futuras trocas de correspondência” (LOPES, 2011, p. 370). Nas cartas escritas por Joaquim Nabuco, identificamos o uso desse espaço para confirmar o recebimento de cartas:

(9) Acabo de **receber** uma carta (carta JN 4, 1881)

(10) **recebi** hontem a tua carta. (carta JN 6, 1882)

(11) Acabo de **receber** sua carta (carta JN 18, 1909)

É interessante ressaltar que o ato de confirmar o recebimento da correspondência não é um componente exclusivo da carta pessoal. Entretanto, torna-se uma TD própria da carta pessoal a partir de construções mais informais, que evidenciam uma maior proximidade entre os interlocutores, diferentemente das cartas oficiais que revelam construções mais formais, propiciando um maior distanciamento comunicativo, como “Peço que acuse recebimento” ou “Acuso recebimento”, conforme menciona Costa (2012, p. 167). Dessa forma, entendemos que o contínuo entre proximidade e distância comunicativa revela um ponto bastante importante e até mesmo crucial no

percurso dessa interação por meio de cartas, uma vez que evidencia marcas próprias da natureza do texto e da sua tradição cultural.

Ainda na *captação de benevolência*, Joaquim Nabuco escreve ao seu interlocutor sobre o envio de cartas, revistas, jornais etc. Com isso, revela o duelo no emprego do clítico referente à segunda pessoa (*te-lhe*) no emprego da ênclise:

(12) **mandar lhe** estas duas| linhas. (carta JN 1, 1872)

(13) **Mando-te** o numero do "Times" (carta JN 6, 1882)

(14) **Mando-lhe** uma carta para o Pranaguá (carta JN 7, 1882)

A carta pessoal, por proporcionar uma relação mais próxima entre os interlocutores e por circular em uma esfera privada, é menos monitorada e mais espontânea, o que torna este documento bastante favorável aos novos usos linguísticos, como a variação correspondente à segunda pessoa (*te-lhe*). Essa variação é resultante do processo de gramaticalização do *você* e que por volta da segunda metade do século XIX começou a assumir valores semânticos aproximados da segunda pessoa (*tu*), ocasionando uma reestruturação no sistema pronominal do português brasileiro. No caso das cartas escritas por este pernambucano ilustre, essa variação é o reflexo da língua em movimento.

Já o *corpo da carta*, como afirma Costa (2012, p. 154), é o “centro pragmático” do texto. Com isso, nessa unidade estrutural, a interação realizada por meio das missivas possui o propósito de partilhar experiências e informações com o destinatário e, mesmo por seu caráter mais livre, “a tradição discursiva do *narratio* é ela própria atravessada por várias outras tradições” (COSTA, 2012, p. 154), como, por exemplo, o ato de realizar pedidos (*petitio*):

(15) espero de ti é que **me arranjes** [fol.1r] com toda a sua influência publica e | privada uma cama para descansar em Phi- | ladelphia (carta JN 3, 1876)

(16) **Peço-lhe** que torne publico|o meo prothesto (carta JN 7, 1882)

(17) **Faça me o favor** de suspender a remessa de correspondencia| para New York (JN 17, 1905)

“Esse tipo de construção oracional é bastante comum nas cartas pessoais, de um modo geral, e, especialmente, nas cartas de amigo, nas quais as relações são pautadas por uma espécie de coleguismo entre interlocutores” (SILVA, 2018, p. 89). Portanto, o ato de *pedir* nas cartas tem por intuito manter a relação de amizade e, certamente, de cumplicidade e reciprocidade entre os interlocutores. Há outros atos de fala que constituem a rede de tradições no *corpo da carta*, mas este é bastante representativo nas cartas escritas por Nabuco.

O *corpo da carta* ainda é marcado pela tradicionalidade linguística que expressa a saudade sentida por Joaquim Nabuco em relação aos seus amigos:

(18) Muitas **saudades** nossas (carta JN 1, 1872)

(19) Muitas **saudades**, meu caro | e bom amigo (carta JN 4, 1981)

(20) Mil **saudades** (carta JN 8, 1888)

Esse modo tradicional de dizer antecede o *fechamento* da missiva e revela a proximidade entre os interlocutores, assegurado pelo grau de privacidade dessa comunicação por meio de cartas.

Na *seção de despedida e assinatura*, localizadas no *fechamento* da carta, também são identificadas unidades marcadas por construções formulaicas recorrentes, como “*Do teu velho Querido...*” e “*Do seu sempre\_\_\_\_\_.*”, que reforçam a familiaridade e fortalecem a relação entre os interlocutores:

(21) **Do teu Velho** Querido || **Joaquim Nabuco.** (carta JN 11, 1893)

(22) **Do seu sempre** dedicado|| **J. Nabuco** (carta JN 15, 1904)

(23) **Do seu sempre** o mesmo|| **Joaquim Nabuco.** (carta JN 18, 1909)

As formas possessivas de segunda pessoa (*teu-seu*) também estão marcadamente presentes no *fechamento* das cartas. O possessivo *teu* associado a uma relação mais íntima, posição que está em alternância com *seu*, que apresenta um caráter híbrido, facilitando seu emprego em contextos de mais ou menos intimidade. Com isso, os exemplos (21), (22) e (23) retratam o emprego de expressões tradicionais que anunciam o fim da interação com a

*assinatura*, uma “unidade que, simbolicamente, pretende deixar clara a autoria do texto, que equivale a assinalar a validação do que foi ali enunciado, escrito” (SILVA, 2002, p. 143).

## 6. Considerações finais

Quais elementos constitutivos de tradicionalidade da carta foram identificados nas correspondências pessoais que Joaquim Nabuco escreveu para seus amigos? Com base nesta questão norteadora, foram analisadas 18 cartas desse pernambucano ilustre. Para tentar respondê-la, traçamos o perfil social do missivista e de alguns de seus interlocutores, sintetizamos a discussão sobre o conceito de Tradição Discursiva e buscamos, com base nessa perspectiva, identificar os elementos que foram evocados com o objetivo de cumprir diversas funções comunicativas.

Os elementos temáticos da carta de amigo também seguem tradições, servindo para o fortalecimento e o estreitamento das amizades, como nas correspondências onde Joaquim Nabuco aborda assuntos políticos, literários ou compartilha viagens, fixando, assim, o propósito e a função desse gênero, além de revelar o contexto sócio-histórico dos interlocutores que circulam pelas mesmas esferas sociais.

As cartas, além da tradição temática, revelam tradições herdadas da retórica clássica, como aponta o estudo de Costa (2012), que associa e interliga cada elemento composicional à oratória clássica: *saudação (salutatio)*, *captação de benevolência (captatio benevolentiae)*, *corpo da carta (narratio)* e a *conclusão (conclusio)*. Cada elemento que compõe essa estrutura possui um papel significativo e específico para o estabelecimento da interação à distância. Nas cartas analisadas, observamos que tanto na *abertura* quanto no *fechamento* ocorrem expressões cristalizadas, que emolduram a carta. A *abertura*, devido à sua função de iniciar o contato entre os interlocutores, é marcada por atos de polidez e de cortesia, como a expressão “*meu caro \_\_\_*”, além da confirmação de recebimento e envio de correspondências. No *corpo da carta*, identificamos o ato de *pedir*, marcado e confirmado por uma relação

de amizade entre os interlocutores. Por fim, as construções tradicionais localizadas no *fechamento* da carta possuem o propósito de sedimentar a amizade.

Os resultados deste estudo evidenciam que tanto as unidades de estruturação quanto os modos de dizer seguem tradições apoiadas na historicidade do gênero carta pessoal, conforme o propósito comunicativo das cartas e o contexto de produção. Com isso, identificamos que os modos tradicionais de dizer são representações do já dito. Ou seja, Nabuco resgata elementos para integrarem o seu discurso com fórmulas já existentes evocadas em situações comunicativas que se repetem e que fazem parte da natureza da carta de amigo. Reiteramos que a realização deste estudo contribui com a ampliação do acervo documental de manuscritos pernambucanos escritos nos séculos XIX e XX, auxilia na reflexão sobre o caráter sócio-histórico do texto, além do reconhecimento das especificidades do subgênero carta de amigo.

## Referências

ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; GOMES, Valéria Severina. Tradições discursivas: reflexões conceituais. In: CASTILHO, Ataliba T. de; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; GOMES, Valéria Severina (Coord.). *História do português brasileiro: Tradições discursivas do português brasileiro: Constituição e mudança dos gêneros discursivos*. v.7. São Paulo: Contexto, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARBOSA, Virgínia. *Visconde do Rio Branco* [José Maria da Silva Paranhos]. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

COSERIU, Eugenio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

\_\_\_\_\_. *Linguística del texto: introducción a la hermenéutica del sentido*. Arco/Libros, 2007.

COSTA, Alessandra Castilho da. Ação – formulação – tradição: a correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944 entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. *Projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de 132 Andrade – 1924 a 1944*. Natal: EDUFRN, 2012.

DÁRIO Galvão. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5357>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

HIRATA, ALESSANDRO. Notáveis do direito: Carvalho Moreira, o Barão de Penedo. *Jornal Carta Forense*. 2 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/carvalho-moreira-o-barao-e-penedo/7992>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

JOAQUIM Nabuco. 1 jul. 2013. Disponível em: <<https://www.fundaj.gov.br/index.php/ultimas-noticias/104-joaquim-aurelio-barreto-nabuco-de-araujo>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

KABATEK, Johannes. Sobre a historicidade de textos. Tradução de José da Silva Simões. *Linha D'Água*, n. 17, p. 157-170, 2004.

\_\_\_\_\_. Tradições discursivas e mudança linguística. In: Lobo, Tânia; Ribeiro, Ilze; Carneiro, Zenaide; Almeida, Norma. (Org.) *Para a história do português brasileiro*. Salvador, EDUFBA, p. 505-527. Tomo II, 2006.

\_\_\_\_\_. Tradição discursiva e gênero. In: Lobo, Tânia; Carneiro, Zenaide; Soledade, Juliana; Almeida, Ariadne; Ribeiro, Silvana. (Org.) *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012, posição: 11607 - 11825. Edição do Kindle.

\_\_\_\_\_. Tradición e innovación: La lingüística moderna desde Saussure hasta el siglo XXI. *ANADISS*, 20, 15-32, 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2015.

KOCH, Peter. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, Barbara; HAYE, Thomas; TOPHINKE, Doris (Hrsg.). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tradução de Alessandra Castilho Ferreira da Costa. Tübingen: Narr 1997 (ScriptOraia, 99), 01-18.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Tradição Discursiva e Mudança no Sistema de Tratamento: definindo perfis comportamentais no início do século XX em cartas do RJ. *Revista Alfa*, São Paulo, 55 (2): 361-392, 2011.

LONGHIN, Sanderléia Roberta. *Tradições discursivas: conceito, história e aquisição*. São Paulo: Cortez, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, Helder Aquino de; GOMES, Valéria Severina. As tradições discursivas nos subgêneros das cartas pessoais pernambucanas. *Encontros de Vista*, Recife, 21 (1): 26-39, jan./jun. 2018.

SANCHO de Barros Pimentel. 9 set. 2018. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Sancho\\_de\\_Barros\\_Pimentel](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sancho_de_Barros_Pimentel)>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SCHLIEBEN-LANGE, BRIGITTE. *História do falar e história da linguística*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

SILVA, Aldeir Gomes da. *Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas do século XX*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2018.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

VAINSENER, Semira Adler. *José Mariano*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

VAINSENER, Semira Adler. *Oliveira Lima (Manoel)*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/undefined/pesquisaescolar>>. Acesso em: 15 de junho de 2019.